

# A ARQUITETURA CEMITERIAL DO BEATO ANTONIO CONSELHEIRO EM CHORROCHÓ – BA

JADILSON PIMENTEL DOS SANTOS

## RESUMO

Conta-se na tradição oral que o beato Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro também chamado de Santo Antônio Conselheiro, Antônio dos Mares, Santo Antonio Aparecido, Bom Jesus Conselheiro, dentre outros, tinha uma missão a cumprir; erguer 25 igrejas em terras distantes do Ceará. Antes de se estabelecer em Canudos, o beato Antônio pergrinou por cerca de duas décadas numa faixa que ia da Bahia a Sergipe. É, sobretudo, no nordeste da Bahia, na zona denominada Sertão de Canudos, na faixa compreendida entre o Rio São Francisco e o Rio Itapicuru que o peregrino concretizou sua obra. Sabe-se, entretanto, que esse número de igrejas não chegou a ser totalizado, pois muitos foram os motivos que inviabilizaram a missão do Conselheiro. Calasans, que seguiu os passos do beato recontando suas obras, chegou a um total bem próximo de vinte e cinco, isso levando em consideração construções diversas tais como: igrejas, cemitérios, reformas etc., o que de certa forma, ao final dessa empreitada teria se tornado o maior arquiteto popular dos sertões. Nesse sentido, esse trabalho tratará de uma obra peculiar do Antônio Conselheiro, ainda não observada pelos pesquisadores: o cemitério do Senhor do Bonfim, localizado na cidade de Chorrochó, Bahia. Essa cidade, cuja fundação foi praticamente articulada pelo beato Antônio Conselheiro, possui um conjunto arquitetônico que leva a sua assinatura. Consta-se aí a igreja datada de 1885, erigida em honra ao Senhor do Bonfim e um cruzeiro tipo “palanque” em harmonia com a fachada da igreja. Completa essa construção o cemitério, erguido nos arrabaldes da cidade e em homenagem ao padroeiro local. Esse monumento é um achado ímpar, típico das edificações conselheiristas. Está encravado num terreno pedregoso de cenário rústico, cuja vegetação, própria da caatinga, decora o entorno. Contudo, o que impacta o visitante ao avistar a construção é a harmonia. É uma obra de paredes pequenas e compactas feitas em pedra e cal. Na fachada, a cruz com o resplendor do Senhor do Bonfim em ferro fundido dialoga com a cruz do frontispício da igreja possibilitando uma linguagem típica dos beatos dos sertões.

**PALAVRAS-CHAVE:** ARTE CEMITERIAL. ARQUITETURA DO CONSELHEIRO. ARTE POPULAR.

---

\* Mestrando em História da Arte pela Universidade Federal da Bahia

## 1 INTRODUÇÃO

Os peregrinos têm algo de profético. São desses de visão que superam o mero misticismo; transcendentalismo. O beato Conselheiro não se detinha a esse mundo sobrepujado de devaneios e ilusões. Sonhava com um reino edificado no presente; mundo por ele arquitetado para oferecer aos seus seguidores possibilidades de dias melhores; e foi, por conseguinte, através do trabalho desenvolvido em conjunto – em mutirão – que viabilizou os seus sonhos mais sublimes: a edificação de igrejas, capelas, cruzeiros e cemitérios.

Soube, através de suas ações, fundar um império onde as promessas do bem comum realizavam-se no tempo presente. Não se deixava envolver por um imobilismo transcendental; muito pelo contrário, lança-se no mister de edificar um novo mundo, de configurar a utopia do mundo espiritual longe do pecado; culminando na realização do seu Belo Monte.

Conforme Barros(2008, p.156)

As classes dominadas, quando galvanizadas pela ações dos movimentos religiosos, tentam atualizar esse tempo escatológico, realizar no “agora” as promessas do bem comum. Manipulam a categoria de tempo, anunciando a chegada dos “tempos prometidos”, o “fim do mundo”. É interessante que, esperando esse fim do mundo, não se quedam no imobilismo transcendental, mas muito pelo contrário, partem para uma ação de “plantar” o novo mundo, de “construir” a utopia do mundo do espírito santo. Como se tivessem consciência teórica do papel histórico do homem na construção material e espiritual de seu próprio mundo, não esperam a chegada de Deus construtor dessa “existência infável”, mas fazem eles mesmos as suas “cidades santas”, as cidades longes do pecado. Nesse movimento de precipitação dos fatos prometidos, o encurtamento do tempo, com a ameaça do julgamento final, obriga os homens a superar a condição máxima entre dominadores e dominados, afastando a dominação, instituindo o “reino de igualdade”, o “mundo santo”.

Antônio Vicente, além de arquiteto e restaurador de igrejas, capelas e cemitérios, foi fundador de cidades. Também tinha verdadeira facilidade com as palavras, chegando até nós alguns exemplares manuscritos contendo sermões, profecias e passagens bíblicas. Na voz do povo, Antonio Conselheiro fazia versos, e, embora seus poemas sejam poucos, alguns fragmentos se perpetuaram:

Peregrino, profeta, anacoreta, beato, arquiteto, conselheiro e poeta desses sertões de sol causticante e estradas pontilhadas de espinhos. Antônio penitente em todas essas condições soube erigir com o auxílio mútuo o seu império de criação; um conjunto de

obras sem igual, nesses confins: sertanejos e barrocos, ásperos e luzidios, como as terras por onde percorreu.

## CAMINHOS DE CHORROCHÓ

Quem primeiro noticiou acerca da construção da Igreja de Chorrochó, a nível nacional, foi o correspondente do Jornal do Comércio enviado a Canudos, em 1897; Manuel Benicio. Em sua obra *O Rei dos Jagunços* ele transcreve um ofício enviado pelo delegado do Itapicuru à capital da Bahia, denunciando essas construções.

Em 1902, no livro *Os Sertões*, Euclides da Cunha também abordará sobre essa edificação citando acerca da passagem do beato por essas paragens. A partir da década de 50 do século XX, alguns canudófilos falarão, ainda que de forma sumária, sobre esse templo. Um deles é o historiador José Calasans Brandão da Silva.

Todavia, é importante frisar que nenhum deles cita uma outra obra, da lavra do Antonio Conselheiro presente em Chorrochó: o velho cemitério dedicado ao Senhor do Bonfim. Localizado fora da cidade, num a distância de mais ou menos um quilômetro, está encravado num espaço de geografias diversas.

A descoberta dessa obra foi feita de maneira casual. No final de 2009 quando me dirigi a essa cidade para colher material fotográfico e depoimentos de seus habitantes, fui informado, por um morador, ex-seminarista, que a alguns metros dali, existia um cemitério construído pelo profeta.

Era tarde, o sol ardia no céu sertanejo, mas mesmo assim, nos deslocamos para o rumo pretendido. O ponto de referência era a estrada que partia dos fundos da igreja e seguia num misto de curvas e contra-curvas, até o sítio desejado. A trajetória que se seguiu, desde o portal da cidade, até se ter a visão do campo santo, foi de belezas e encantamentos.

A estrada de chão batido que segue até lá, e toda pontuada de experiências místicas, o que atesta a intensa religiosidade daquele povo. Inúmeras são as histórias que compõem o panteão mítico dessa comunidade. Em vários momentos, antes de se chegar ao lugar pretendido, avistam-se vários túmulos nas beiras das estradas, confirmando, sobremaneira, o alto teor religioso desse povo. Os túmulos que ai se sucedem, apresentam formas retangulares, estão encimados por uma cruz simples e

contam um pouco das histórias e lendas do lugar. Aqui, uma morte por emboscada, ali uma tragédia que consumiu famílias inteiras, acolá um suicídio, etc.

Na fala da comunidade, aqueles que morreram sem receber os sacramentos, sobretudo o batismo, não podiam ser enterrados num espaço sagrado, ficavam, pois, no lado de fora do cemitério. Em cada lápide ai contemplada, avistam-se, também, variadas pedras ladeando a pequena cruz que ai se avulta, pois, no imaginário popular, são os presentes para os mortos; uma garantia de se ter uma vida longa, de ser esquecido pela morte.

Existem na cidade dois cemitérios; o velho construído por Conselheiro e o novo, construído mais recentemente.

Quem se desloca da igreja em direção aos cemitérios, topa logo, em primeiro momento com o novo; construído mais a frente, porém tomando-se as paredes do velho como ponto de partida. Logo a frente do Cemitério novo existe uma capela que guarda uma grande cruz em madeira, relíquia do tempo do beato, venerada pelos habitantes. À frente dessa capela num pedestal de concreto a imagem de nossa senhora rouba a cena, chama a atenção. E uma pequena peça, de feição moderna, mas que comprova a forte tendência mística do local e povoa de histórias o imaginário popular.



Imagem de Nossa Senhora das Graças - Chorrochó – BA

Autoria: desconhecida, século XX.

Fonte: Jadilson Pimentel dos Santos, 2010

## O CEMITÉRIO DO SENHOR DO BONFIM DE CHORROCHÓ



Cemitério do Senhor do Bonfim de Chorrochó – BA  
Autoria: Antônio Conselheiro, século XIX.  
Fonte: Jadilson Pimentel dos Santos, 2010

Das construções da lavra do beato Antônio Vicente que ainda desafiam o tempo podemos listar o pequeno cemitério de Chorrochó-Ba. Esse exemplar é único; uma verdadeira “joia” da arquitetura popular da grei conselheirista.

Completamente mergulhado no esquecimento; não figura sequer em alguma linha de nota de rodapé, é um achado ímpar, repleto de significações para o repensar das memórias do povo da companhia.

A cidade em voga, cuja fundação foi praticamente articulada pelo beato Antônio Conselheiro, possui um conjunto arquitetônico que leva a sua assinatura. Consta-se ai a igreja datada de 1885, erigida em honra ao Senhor do Bonfim e um cruzeiro tipo “palanque” em harmonia com a fachada da igreja. Completa essa construção o cemitério erguido nos arrabaldes da cidade e em homenagem ao padroeiro local. Esse exemplar arquitetônico atesta o ideal religioso do peregrino; de amparar e socorrer espiritualmente os necessitados, dando-lhes mais dignidade.

Até a década de 30 do século XIX era costume a realização de sepultamentos em solo sagrado, sendo a igreja, o local preferencial, costume considerado essencial para a salvação das almas. Tal prática se estendia desde as grandes cidades do litoral até os pequenos vilarejos do sertão, os quais nem sempre atendiam a essa perspectiva, pois, além de serem raros, em muitas vezes, apresentavam pouco espaço, e estrutura precária para a realização dos enterros.

Reis (2009, p.171, 172) teoriza que uma das formas mais temidas de morte era a morte sem sepultura certa, e o morto sem sepultura era dos mais temidos dos mortos. Era importante morrer em terra firme, não para ser enterrado em qualquer lugar, mas em lugar sagrado. Assim como os cortejos fúnebres se identificavam com as procissões que tematizavam o enterro de Cristo, as sepulturas eram associadas com o local onde Cristo era senhor. As igrejas eram a Casa de Deus, sob cujo teto, entre imagens de santo e de anjos, deviam também se abrigar os mortos até a ressurreição prometida para o fim dos tempos. A proximidade física entre cadáver e imagens divinas, aqui embaixo, representava um modelo da contiguidade espiritual que se desejava obter, lá em cima, entre a alma e as divindades. A igreja era uma das portas de entrada do Paraíso.

Ainda segundo o autor, ser enterrado na igreja era uma forma de não romper totalmente com o mundo dos vivos, inclusive para que este, em suas orações, não esquecessem os que haviam partido. Os mortos se instalavam nos mesmos templos que tinham frequentado ao longo da vida. Ali, também, se celebravam os momentos maiores do ciclo da vida – o batismo, o casamento e morte.

Todavia, a partir da década de trinta com os surtos de epidemias e leis de higiene pública, instituiu-se a criação de cemitérios como parte da batalha pelo saneamento das cidades, gerando entre o povo a revolta contra os cemitérios.

No sertão embora se enterrasse nas igrejas durante todo o século XIX, e até início do XX, a prática da criação de cemitérios passa a ser uma constante nas ações desenvolvida por Antônio Conselheiro; passa, contudo, a ser um espaço reservado ao sagrado.

Sendo assim, acontece, que ainda, muitas dessas gentes morriam à mingua e eram enterradas em solo considerado pagão. Nessas paragens, muitas eram as carências: padeciam pela falta de socorro espiritual, de espaços sagrados – igrejas e cemitérios - de assistência de todo tipo.

Foi, todavia, nesse cenário marcado por faltas, que surge o beato. Desenvolveu sua missão sem, contudo, usurpar as funções sacerdotais. Queria mesmo era propiciar uma vida mais digna, uma possibilidade de sonho para aquele povo tanto espoliado pelo latifúndio e pelas leis da recente republica.

Antônio Conselheiro passa a ser um dos primeiros a construir cemitérios nos confins dos sertões. Quase sempre nas cidades ou vilas em que chegava, quando se oferecia para a construção ou reforma de um templo, também se oferecia para a construção de um cemitério.

Em Chorrochó temos um conjunto arquitetônico que se completa: a igreja, o cruzeiro e o cemitério. É o único exemplar que ainda se mantém íntegro, pois os conjuntos de outras cidades encontram-se reduzidos; apenas igreja, ou apenas cemitério.

As construções cemiteriais do Conselheiro apresentam características diversas. Nesse caso, o que chama a atenção do visitante ao se deparar com esse achado, é a singeleza e harmonia que ele apresenta. É uma obra de pequeno porte, paredes compactas, baixas e espessas, feita em pedra e cal, frontão com linhas curvas assimétricas, uma única portada e pináculos ladeando o frontispício. Está encravado num terreno pedregoso de cenário rústico, cuja vegetação, própria da caatinga, decora o entorno. Coroando a fachada, uma cruz com o resplendor do Senhor do Bonfim# em ferro fundido dialoga com a cruz da torre da igreja e faz crer que na grei do Conselheiro existiam inúmeros profissionais inclusive ferreiros, os quais se tornaram muito úteis no cenário da Guerra de Canudos.

## **CONSIDERAÇÃO FINAIS**

Como se pode notar, este era o sonho que alimentava e enchia de esperança a todos: trabalhar com muita gente, e com o beato, na construção de obras caritativas.

Nas suas andanças pelos rincões mais ermos dos sertões do nordeste ficou concretizada a sua inclinação espiritual de peregrino. O beato andarilho, ao longo de mais de vinte anos, desenvolveu uma obra religiosa com teor político e social; acumulou adeptos e seguidores; foi admirado e respeitado pelas gentes mais humildes, foi protegido e cortejado, temido e combatido pelas autoridades religiosas e civis.

A figura carismática de Antônio Maciel sobressaía-se não apenas nos arredores de sua comunidade. Sua influência se fazia notar em toda Bahia, e até mesmo em outros

lugares do Nordeste. A posição de liderança diante de tão avultado número de seguidores concedeu-lhe uma autoridade sem precedentes, e com isso, possibilitou, também, uma ameaça real para os representantes do poder local e regional.

Nos conjunto de suas obras, percebe-se um líder religioso muito diferente do fanático místico retratado por Euclides da Cunha, um sertanejo de tendência messiânica, com posições políticas e religiosas vinculadas a um catolicismo devocional permeado de credices, recorrente entre os pregadores do Nordeste do Brasil.

## **REFERÊNCIAS**

BARROS, Lutigarde O. C. *A terra da Mãe de Deus – Um estudo do Movimento Religioso de Juazeiro do Norte*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves. Ed. Mincil, 1998.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.